



MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!

MARS OR EARTH, LOVE IT OR LEAVE IT? S.O.S AMAZONIA LIFE ON A WIRE!

MARTE O TIERRA, ¿LO AMAS O LO DEJAN? S.O.S AMAZONIA LA VIDA POR UM HILO!

Carlos Alexandre Firme de Oliveira¹

Submetido em: 26/04/2021

e24266

Aprovado em: 17/05/2021

RESUMO

Como humanos pensantes temos a missão colaborativa de construir saberes que contribuem, construtivamente, na conservação da sustentabilidade e manutenção da vida em geral. Utilizarmos conhecimentos coletivos em prol de uma causa sublime, objetivando incentivar mudanças nos hábitos das pessoas na sociedade, consolidar um novo paradigma, prevalecer a preservação do ecossistema, como vertente primordial no desenvolvimento da vida saudável, ter condições de aprender a conviver respeitando a natureza. Os ganhos são imensuráveis e sociais, sendo sábio em compreender-se parte do meio, ser o agente principal, não na destruição, mas sim, inteligente que use estes conhecimentos intelectuais a favor da perpetuação da humanidade terrestre.

PALAVRAS-CHAVE: Vida. Humano. Amazônia. Sustentabilidade.

ABSTRACT

As thinking humans we have a collaborative mission to build knowledge that contributes, constructively, to the conservation of sustainability and maintenance of life in general. We use collective knowledge in favor of a sublime cause, aiming to encourage changes in the habits of people in society, consolidate a new paradigm, prevailing the preservation of the ecosystem, as a fundamental aspect in the development of healthy life, being able to learn to live respecting nature, gains are immeasurable and social, being wise in understanding part of the environment, being the main agent, not in destruction. But yes, smart to use this intellectual knowledge in favor of the perpetuation of terrestrial humanity.

KEYWORDS: Human. Life. Amazon. Sustainability.

RESUMEN

Como seres humanos pensadores, tenemos la misión colaborativa de construir conocimiento que contribuya, de manera constructiva, a la conservación de la sustentabilidad y mantenimiento de la vida en general. Utilizamos el conocimiento colectivo a favor de una causa sublime, con el objetivo de propiciar cambios en los hábitos de las personas en la sociedad, consolidar un nuevo paradigma, prevalecer la preservación del ecosistema, como aspecto fundamental en el desarrollo de una vida saludable, para poder aprender a Vivir respetando la naturaleza, las ganancias son inconmensurables y sociales, siendo sabio en comprender parte del entorno, siendo el agente principal, no en la destrucción. Pero sí, inteligente utilizar este conocimiento intelectual a favor de la perpetuación de la humanidad terrestre.

PALABRAS CLAVE: Vida. Humana. Amazonas. Sustentabilidad.

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2003), é especialista em Alfabetização pela Universidade Potiguar (UnP), 2010. Mestre em Educação (2020) pela Consultoria ESL-PB. Atualmente é professor do ensino fundamental da Prefeitura Municipal de Macaíba e Parnamirim. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Aprendizagens Significativas e Metodologias Ativas, Leitura e Poesia Interativa, desenvolveu projetos e produções na área de Tecnologia da Informação e Comunicação (Robótica Educacional e Artigos de divulgação científica) atuando principalmente no seguinte tema: avaliação, aprendizagem, psicologia e alfabetização no Ensino Fundamental de 9 anos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

INTRODUÇÃO

O referido trabalho evidencia o seguinte tema: **Marte ou à Terra, Ame-a ou Deixe-a? S.O.S Amazônia a Vida Por um Fio!** por sua magnitude e importância para as pessoas na conjuntura atual, ambiental e social. Faz-se necessário debruçar-se sobre o assunto abordado eminentemente essencial se pensarmos à vida. E, nossa existência harmônica na esfera terrestre. Contribuir com a tomada de decisão a vivermos pensando primeiramente, nos recursos naturais e nas condições de bem-estar social da população, é fundamental reaprender a conviver de maneira sustentável com o meio ambiente.

Este trabalho teve como metodologia uma revisão bibliográfica embasada nas acepções de pensadores os quais versam sobre a temática em análise, para assim referenciar nossas colocações com afincamento científico. O desenvolvimento e o progresso são fundamentais nas sociedades tecnológicas do conhecimento a qual nos insere intrinsecamente falando, desta forma ser inteligente, saber conviver usando os conhecimentos a favor da nossa perpetuação e, salvar nossa casa que é à Terra. Ao longo dos tempos um modelo de exploração dos recursos naturais totalmente danosos ao planeta, o homem atende ao sistema capitalista destruído seu próprio hábitat sem ter a mínima atenção que é ali, onde temos as condições básicas para viver normalmente, é comum vermos as políticas do mundo se voltarem para experimentos milionários para irmos ao espaço, produzir armas e pouco investimento em pesquisas que se voltem para salvar vidas.

Portanto, todo saber científico deve se voltar em aprendermos como viver, consumir sustentavelmente e, explorar com um olhar humano, social sustentável, afinal não vivemos sem oxigênio, água, plantas, animais, biodiversidade e harmonia das forças climáticas do planeta, respeitar, ser sábio nunca foi tão inteligente se quisermos permanecer aqui e garantir a vivência das futuras gerações.

A urgência em mudar, transformar enquanto houver tempo, pensando políticas inclusivas, parcerias que venham englobar os povos da floresta, governo, instituições, convivendo democraticamente, explorando os recursos ambientais que são necessários ao desenvolvimento ecologicamente, tecnologicamente, humanamente menos agressivos, gerenciando um patrimônio Nacional em prol do desenvolvimento legal, sabemos que a Amazônia é detentora de muitas riquezas distintas invejadas por outras nações e que, muitas vezes, não cuidamos.

Precisamos enxergar na Amazônia uma fonte de vida perene, permanente, temos uma das maiores biodiversidades do planeta, basta cuidar, unir saberes, pesquisar, reflorestar, retirar riquezas sem destruir, sem extinguir ou ameaçar a civilização humana. Evidências acadêmicas apontam ser imprescindível a conservação da natureza para amenizar os impactos nocivos ao surgimento de novas ameaças, doenças e, conseqüentemente, a extinção do homem pelo homem. Para a revisão, nos debruçamos sobre as obras de Morin (2000), Krenak (2019), Bentes (2005) e Santos (2020).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

REFERENCIAL TEÓRICO

Talvez o homem tenha a tendência de voltar a descobrir formas de como habitar Marte, porque deve haver uma ligação forte a qual os une, o homem a tal planeta do sistema solar. O homem desenvolvido existente nas nações mais poderosas do mundo, com riquezas, economias robustas, universidades de ponta, ciência, tecnologia, automação e industrialização das mais desenvolvidas do universo se volta a uma corrida ao espaço, para mostrar seu grande triunfo ao mundo. Existe uma corrida para ver quem pode mais, com aprovação da mídia que divulga tais feitos em primeira mão, como se isto fosse algo essencial à vida das pessoas na Terra, tão sofrida pela ação deprimente dos que habitam aqui. Quem chega primeiro a Marte? “Apenas o sábio mantém o todo constantemente na mente, jamais esquece o mundo, pensa e age em relação ao cosmo.” (MORIN apud GROETHUYSEN, 2000, p.63).

Ainda refletindo sobre a mesma ótica, vem Krenak corroborando com suas acepções, confabulando com as demais ideias, enriquecendo o discurso citado, ressaltando sua trajetória, seus conhecimentos de causa e sua luta em defesa da vida, dos povos indígenas, da Amazônia e por que não dizer da humanidade.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. “Ideias para adiar o fim do mundo [...]” (KRENAK, 2019, p.9).

Evidentemente, a humanidade anda perdida primeiro a invasão da Terra, o desrespeito com os donos da terra, segundo a exploração colonial degradante, terceiro a escravidão uma prática suja, depreciativa, opressora, injusta... Contudo, a chegada do progresso, da modernização nunca chegou, transferiram as pessoas do meio Rural para conglomerados suburbanos, acelerando problemas como falta de: moradias, educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, alimentação, lazer, cultura, etc. Sempre nos falta algo, somos um povo dividido por castas que briga para sobreviver cotidianamente.

Isso tudo é proposital, separar, segregar, são princípios do individualismo, do egoísmo comum às práticas capitalistas dominantes. Vivemos uma guerra ideológica que nos impede de pensar o que realmente é essencial, nossa identidade, nossa cultura são banalizadas, valorizamos o estrangeiro muito mais do que o nativo. Em pleno século XXI temos a oportunidade de reconhecer que o nativo, o índio tem razão, pois hoje todos estamos ameaçados de extinção.

Nisso está incutido o argumento nefasto do poderio bélico de armas atômicas, mísseis de destruição gigantescas, guerra pelo poder, a dominação de outros povos por ameaça, barganha, troca de interesses, ideologias e/ou ainda fazer de Marte uma possível morada para bilionários e magnatas que aparecem na Forbes, tudo nos leva a destruição do planeta e, conseqüentemente do homem pelo homem, um comportamento educativo, um esforço de todos em mudar para salvar-nos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

Adaptarmo-nos para transformar hábitos de uma cultura de menos consumismo e mais qualidade de vida, senso maternal e ambiental; Terra mãe fecunda de toda fonte de vida.

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK,2019, p.10).

Se não houver uma mudança no comportamento econômico, cultural e social, pensarmos realmente como seres racionais em perceber que o caminho é só um; desenvolvimento sustentável que priorize a ecologia, a biologia e a continuação da espécie na esfera planetária. “É preciso que compreendam tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano, que ao longo da história moderna, se tornou a condição da era planetária” (MORIN, 2000, p. 63).

Como bem colabora Morin (2000) quanto mais o homem avança, mais ele retroage, quando, por exemplo: faz armas nucleares, como a explosão das bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima no Japão em meados do século XX. O sistema capitalista, o lucro pelo lucro, a exploração da vida, do ser humano, o capital financeiro selvagem, a destruição do meio ambiente em nome do progresso atribuindo a isso a troca do bem-estar social por dinheiro, não cabe mais, vivemos uma grande catástrofe no planeta atual com riscos inerentes à extinção humana, numa ação suicida da civilização em defender pesquisas e estudos bilionários que tentam descobrir vida em Marte e, como viver na esfera sideral, sem enxergar o momento catastrófico da civilização.

Quantas ações dariam para fazer com esse dinheiro? A fome, a educação, o lixo, os remédios, as doenças, a saúde, a pobreza, a ocupação do solo organizada, as poluições do ar entre outras graves mazelas do mundo globalizado poderiam ser repensadas ou amenizadas com este dinheiro. Podemos identificar a crescente natureza político-ideológica da intervenção do ambientalíssimo internacional que em busca de alianças políticas vendem as nossas riquezas naturais em detrimento das possíveis consequências a longo prazo. Além dos efeitos do papel do colonialismo interno brasileiro nessa intervenção denotando que o processo que fomos colonizados persiste ao longo dos séculos, esta forma de negociar os nossos recursos e matérias-primas como se sempre estivéssemos em fase de descobrimento territorial. As ações de tomar posse de recursos, riquezas contidas na Amazônia, se estende ao longo do território brasileiro. Isto pode ser percebido pela quantidade de movimentos ambientalistas que surgiram ao logo das décadas, a sociedade exclamando o quanto discorda dessa exploração desenfreada e inconsequente. Segundo BENTES (2005)

Esse evolucionismo social percebia os habitantes da Amazônia, que praticavam principalmente o plantio-manejo ecológico de recursos naturais, sendo a indústria e a agricultura científica relativamente secundárias, através de preconceitos. Eles não teriam escolhido seu estilo de vida e, em particular, os métodos ecológicos locais de apropriação e utilização de recursos naturais, mas teriam, sim, sido vítimas de uma fatalidade: fraqueza, preguiça, indolência, falta de mão-de-obra, de espírito empreendedor e de tecnologia para domesticar a natureza. (BENTES, 2005, p.226)



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

Dessa forma a ideia de evolucionismo social não nos evoluiu em nada, pelo contrário retroagiu tendo em vista uma promessa falsa de que os lugares industrializados receberiam mais infraestrutura urbana além de manejo e uso do solo de maneira ecológica.

Tudo por conta desta forma de administração política do mundo antidemocrático que o poder dos mais abastados sempre ditam, por onde devemos caminhar, numa visão destrutiva, exploratória, desumana, canibal, colonial, escravista moderna. Refletindo atualmente, qual o saldo deste sistema desigual que oferece riqueza a poucos e pobreza a maioria massificada em comunidades suburbanas? Seja em florestas, seja no campo, nas cidades, coagidos, indefesos abandonados à própria sorte, sem a devida proteção do Estado. Krenak (2019, p.9) “essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias.”

Hoje toda ação do indivíduo tem efeito global, uma simples garrafa *pet* jogada no rio vai até ao mar, as correntes marítimas, o tempo a destruirá e estas micropartículas se dissolvem na água sendo alimento para os peixes e animais que alguém pode comer em qualquer parte do planeta. É o famoso “efeito do caos”.

Concebido unicamente de modo técnico-econômico, o desenvolvimento sustentável. É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral... O século XX não saiu da idade do ferro planetária; mergulhou nela. (MORIN, 2000, p.69, 70).

A economia se baseia na exploração das matérias-primas originárias da Terra. No campo industrial temos toda a cadeia de produtos e subprodutos advindos dos combustíveis fósseis que abastecem praticamente todo mercado consumidor. Parando para pensar um pouco, vemos o petróleo e seus derivados em quase tudo a nossa volta quando falamos de materiais manufaturados. Obviamente, por tanto tempo de exploração dos recursos naturais do meio ambiente, a Terra dá sinais cada vez mais claros de que se aqui temos as condições perfeitas de vida em abundância como oxigênio, água, plantas, animais, seres unicelulares e toda biodiversidade. Não seria aqui o lugar para ser bem cuidado, protegido, preservado? Com formas renováveis e alternativas de produção e energias.

Pela primeira vez, o homem compreendeu realmente que é um habitante do planeta e, talvez deva pensar ou agir sob novo aspecto, não somente sob o de indivíduo, família ou gênero, Estado ou grupo de Estados, mas também sob o aspecto planetário. (MORIN apud VERNADSKY, 2000, p.63).

Em qualquer parte do mundo não se vive sem os recursos naturais, sem a Terra, sem plantas, sem animais, sem chuvas, sem alimentos, sem água. Por esta ótica percebemos a urgente importância de se pensar um modelo de economia para o mundo e, mais precisamente, em especial, o Brasil, por ter uma grande riqueza natural, uma das maiores biodiversidades de flora e fauna do mundo em sua área geográfica, é de suma significância voltarmos todo o conhecimento empírico, indígena, acadêmico de todos em benefícios de explorar a floresta amazônica de maneira sustentável, com o apoio de políticas públicas do Estado em comunhão com as comunidades locais



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

como, por exemplo: os povos ameríndios e quem simpatize com a causa, os verdadeiros donos da Terra, que sofrem por cerca de 520 anos os mais terríveis ataques.

Apontaremos uma sugestão de como a sociedade, o governo pode gerir a floresta tornando-a legal, primeiro se precisa de desejo político público e, um dever moral, cívico em compreender a necessidade de conservar este bioma tão salutar à vida e, conservação do clima, da vida no mundo, não é hora de olharmos para trás, mais sim, fixar o nosso objetivo no presente e no futuro pensando nas próximas gerações.

É fundamental criar uma política democrática humanista de uma cultura de bem-estar comum, de unir sem segregar, o importante é agrupar, e agregar saberes para viver sustentavelmente. Isto significa a perpetuação da vida humana com uma melhora a longo prazo nas formas climáticas do mundo e, conseqüentemente, melhoras e recuperação da natureza, como a conservação dos terráqueos em saber conviver com o meio ambiente, respeitando como bem fazem os povos indígenas que lamentavelmente não são ouvidos, neste processo no qual são os mais prejudicados ao longo da história.

A civilização nascida no Ocidente, soltando suas amarras com o passado, acreditava dirigir-se para o futuro de progresso infinito, movidos pelos avanços conjuntos da ciência, da razão, da história, da economia, da democracia. Entretanto, aprendemos com Hiroshima que ciência era ambivalente; vimos a razão retroceder e o cilindro staliniano colocar a máscara da razão histórica, vimos que não havia leis da História que guiassem irresistivelmente em direção ao porvir radiante; vimos que em parte alguma o triunfo da democracia estava assegurado em definitivo, vimos que o desenvolvimento industrial podia causar danos à cultura e poluições mortais, vimos que a civilização do bem-estar podia gerar ao mesmo tempo mal-estar. Se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então esta modernidade está morta. (MORIN, 2000, p.72).

Hoje não é apenas os povos indígenas, a biodiversidade da Amazônia ou qualquer biosfera terrestre que estão ameaçados de extinção. Mas, toda raça humana, o homem cotidianamente destrói sua “casa”, seu “habitat” por ganância, dinheiro, riqueza, esquecendo do principal, a vida em harmonia com o meio. Não é de se estranhar o surgimento de novas doenças, pandemias, pragas, secas, tempestades, erupções, chuvas ácidas, ciclones, furacões, terremotos, raios, ondas gigantes, temperaturas altas ou muito baixas, neve, aquecimento global do planeta e dos oceanos, efeito estufa, desaparecimento de espécies, migração de pessoas e espécies de maneira abrupta causando o surgimento de vírus e bactérias. Ameaçando a vida humana, estes fenômenos naturais estão cada vez mais frequentes e danosos com proporção incontroláveis, resultado da ação desastrosa da humanidade.

Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe. “Vamos separar esse negócio aí, gente e terra, essa bagunça. É melhor colocar um trator, um extrator na terra. Gente não, gente é uma confusão. E, principalmente, gente não está treinada para dominar esse recurso natural



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

que é a terra. ” Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? (KRENAK, 2019, p.11 e 12).

Pensando como alguém que sonha com um mundo mais livre de tantos interesses e bandeiras de logomarcas que têm o propósito de lucrar, sem pensar na vida e no meio ambiente com responsabilidade, na igualdade plena, na justiça social, bem defendidos na carta magna deste país. Acredito não ser utópico sugerir que o governo dito democrático fosse capaz de usar esta competência e conclamar os Estados Amazônicos a pactuar uma política pública ampla de geração de emprego, renda, pesquisas, descobertas, menos conflitos agrários, combate ao tráfico de drogas, de animais e espécies quaisquer, assistência médica e social aos povos da floresta, dignidade, manejo, reflorestamento, menos queimadas, menos grilagem de terras da união, menos desmatamento, menos violência, proteção do meio ambiente, preservação, conservação da biodiversidade por ser uma riqueza sem valor inestimável, cobiçado por muitos países.

Cuidar da vida de modo geral é fundamental, seria no mínimo inteligente e essencial. “Pode-se esperar uma política a serviço, inseparável da política de civilização, que abriria o caminho para civilizar a Terra como casa e jardim comuns da humanidade. ” (MORIN, 2000, p.73). Como realizar tudo isso em um Brasil que se diz sem recursos financeiros? Sem pessoal? Temos instituições como IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente) e outras que humanamente não tem dado conta de cobrir uma extensão territorial gigantesca oriunda da união de 9 (nove) Estados brasileiros que fazem fronteiras com países sul-americanos na Região Norte.

Estas instituições devem ser parte integrantes deste projeto para poder executar seu papel com maestria e garantindo cidadania, progresso aos brasileiros de uma forma geral, pois o fruto deste trabalho é coletivo, é constitucional à vida e vida é um direito fundamental. O (PAS) Plano Amazônia Sustentável bem preconiza com riquezas de detalhes formas de respeitar as diversidades e explorar o ambiente sustentavelmente.

O primeiro passo é enxergar na floresta uma fonte de renda, de vida inesgotável que precisa ser respeitada e é responsabilidade do poder público fazer seu papel. Bem, não é segredo que a selva amazônica é um lugar muito fértil em muitas fontes de riquezas seja mineral, petróleo, gás, ouro, madeira, animais, biodiversidade e plantas exóticas que são de suma significatividade para o viver. Ali está a fórmula para a cura de possíveis doenças que por ventura venham aparecer, e isso tem sido cada vez mais repentino nos últimos tempos como o surgimento da Covid 19 dizimando milhares de pessoas pelo planeta.

Se temos riquezas naturais é preciso organizar para sabermos aproveitar todo esse potencial a nosso favor. Acredito ser possível fazer algo prático com efeito grandioso à sociedade, sem termos tantos gastos. Em um pacto de união, elenco a participação das forças armadas como a criação de um exército parceiro agindo com a sociedade civil e os moradores das comunidades da floresta, em cada um dos Estados Amazônicos para atuar na mata, assim teríamos tecnologia, laboratórios, ciência, conhecimento, atuando para garantir a integridade da floresta e de quem nela reside, trilhando um paradigma pragmático de não destruir a natureza para, de maneira primária, extrativista,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

adquirir dinheiro, mas sabiamente retirar do meio ambiente seus recursos sem ser nocivo, pois o conhecimento acadêmico e a cultura indígena devem se fundir para encontrarmos soluções viáveis para à população de modo civilizado.

O próprio exército poderia fazer o manejo das árvores tirando as que estivessem prontas para o consumo de madeira legal e vender à população a preço justo sem degradar. Com certeza seria curioso o índio participar desse processo com seus conhecimentos milenares se assim quisesse, o replantio de áreas já exploradas corretamente replicando as plantas e garantido uma futura colheita de madeira de forma sustentável e tecnológica, sem destruir os ecossistemas. Mas, ao contrário fazem os madeireiros atualmente, causando graves problemas ambientais, químicos, econômicos, históricos, biológicos e sociais.

Para reflorestar precisaria de engenheiros florestais, soldados e outros profissionais todo a aparato do exército e instituições civis organizadas, com isso geraríamos milhares de empregos legais de forma constante para os jovens de todo o Brasil. Atuando em uma causa justa e nobre, trabalhando na construção de um novo modelo de gerenciamento de política pública democrático-participativa que fomente um formato “pedagógico”, pois seria a oportunidade de ensinar ao mundo como somos criativos e capazes de colaborar com algo tão magistral.

No entanto, o projeto seria a chave para acabar com muitos males existentes hoje, pense em organizarmos um banco de sementes, plantios, reflorestar, sem queimar, sem destruir e ainda gerar riqueza, trabalho e dignidade. É hora de partirmos para o essencial e deixar de lado a política do pão e circo, o carnaval, a corrupção, as terceirizadas, o futebol ideológico prometido a muitos garotos que não conseguem brilhar em campo do mundo afora. Acorda Brasil, o amanhã é hoje e a vida pede socorro!

Podemos ainda ressaltar os conhecimentos indígenas nos campos medicinais, alimentares, cosméticos entre outros. Quantas pesquisas podem ser originárias a partir dos conhecimentos empíricos dos índios, o que podemos construir unindo saber popular com ciência, estudando as ervas e os animais da floresta, numa busca constante por melhores condições de vida e, achar a cura para doenças de todos os tipos de maneira original, sem ser obrigado a desenvolver um remédio porque a doença é a que mais pode gerar lucro. O objetivo deve se submeter ao bem comum, a nossa existência na esfera planetária de ser e existir.

Por isso, é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir. A comunicar. A comungar; é o que se aprende somente nas_ e por meio de_ culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e construir como humanos do planeta terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar, compreender. (MORIN, 2000, p.76)

É iminente atualmente observar a grande importância de se refletir sobre as pesquisas, a ciência tem que estar a favor da vida, nós moramos na Terra com todas as condições de vida, então evidentemente os investimentos precisam ser maciços em pesquisa e preventivamente se precaver de doenças que possam surgir, isto é, ser soberano e patriótico de fato, respeitar, preservar, cuidar é sinônimo de querer viver no presente.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

Pensando na pessoa humana, quantas pessoas são acometidas por doenças que não existem sequer remédios no mercado ou se tem é exorbitante o valor impossibilitando a cura, remédio é uma necessidade, porém boa parte da população não tem acesso por falta de condições econômicas. Vale salientar a inevitável iminente urgência de se priorizar a independência do Brasil na produção de pesquisas e insumos considerando toda forma de saber em prol do bem-estar social da nação, podemos ver as noções do bloco econômico do primeiro mundo detém as principais vacinas para combater a Covid-19 e patentes impedindo a produção de remédios para salvar. É irracional nesta ocasião não ser sensível em esquecer o capital e, pensar na vida, na humanidade em primeiro lugar.

Agora é mais que fundamental produzir medicamentos capazes de atender os interesses nacionais. Isto é, além de garantir liberdade, soberania, sobretudo figura em mostrar mais uma forma de alto financiamento desta ideia todas as receitas provenientes da floresta servirão para pagar os custos dos exércitos. Nossa riqueza e democracia de nada valerão se não se converter em equidade para todos.

Todas essas correntes prometem intensificar-se e ampliar-se ao longo do século XXI e construir múltiplos focos de transformação, mas a verdadeira transformação só poderá ocorrer com a intertransformação de todos, operando assim uma transformação global, que retroagiria sobre as transformações individuais. (MORIN, 2000, p.74).

Esses territórios uma vez ocupados por seus respectivos exércitos com seu comprometimento, suas máquinas, sua tecnologia, possivelmente espantarão grileiros de terras, madeireiros, garimpeiros que perturbam as populações indígenas e causam danos ao meio ambiente e a sociedade irreparável. Pode-se neste mesmo viés, citar outros problemas crônicos na floresta, por ser de difícil acesso é um lugar propício ao contrabando de aves, peixes, bichos, ervas, drogas ou até mesmo espécies levadas do nosso país e patenteadas no exterior nos impedindo de usar tais matérias-primas na produção de possíveis materiais, ou medicamentos, estudos prevendo o bem da sociedade, etc. Causando prejuízos grandiosos ao nosso país do ponto de vista do desenvolvimento sustentável pleno, pragmático, saindo da teoria vindo proporcionar verdadeiramente harmonia ao povo, respeito as diversidades étnicas, culturais principalmente dos donos da Terra por direito os índios.

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Como disse o pajé yanomami Davi Kopenawa, o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. (KRENAK, 2019, p.23).

Cabe ainda, elencar um elemento que talvez seja o maior objeto de desejo, motivo de desgraça, exploração, devastação, contaminação de águas por mercúrio, doenças, brigas, cobiça, ganância, mortes, destruição. Tudo pela busca incessante dos minerais como: ouro entre outros, este poderia ser muito bem explorado de maneira legal e gerando receita aos cofres públicos, gerando assim mais uma fonte de recursos para bancar este projeto, sendo autossustentável e suas sobras



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

alimentariam os cofres do erário, amenizando assim, conflitos entre interesses dos garimpeiros e índios com invasão a áreas demarcadas. Desta forma o governo atuaria como parceiro, possibilitando mais segurança, parceria com os povos da floresta com o engajamento de todos, garantindo cidadania, seguridade ambiental, social, sustentabilidade em favor da globalidade sustentável.

Possivelmente, até empregando os que assim quisessem participar deste novo paradigma de modelo sustentável na utilização dos utensílios naturais, respeitando os povos indígenas seus costumes, crenças, saberes, cultura em aliados da natureza que são, dando dignidade e cidadania de fato aos brasileiros nas áreas acima citadas.

Cabe aqui citar outra grave ferida que causa uma série de desestrutura do bioma Amazônico que é o desmatamento desordenado, com o propósito claro puramente financeiro desastroso, ao praticar estes danos basicamente acarretados outros problemas como queimadas, poluição do ar, empobrecimento do solo, dizimação de animais, assoreamento de rios, desertificação para geralmente atender aos interesses do agronegócio com pastagens, criação de gado e até monocultura, tudo isto atende a interesses particulares do capitalismo, sem ter a noção real do malefício, por esta prática executada ao coletivo e, fundamentalmente a natureza que interfere diretamente no formato que vivemos no planeta. “A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente. Tal união pede a consciência e um sentimento de pertencimento mútuo que nos una a nossa Terra, considerada como primeira e última pátria.” (MORIN, 2000, p.76).

Assim, nossa guerra será contra a abrupta abnegação de um Estado brasileiro que finge não ver muitos de nossos problemas, não enxerga uma oportunidade de realmente fazer jus às cores da bandeira e ao nosso hino, onde fazem alusão ao nosso verde das florestas, ao ouro, a natureza e por fim a direitos fundamentais constitucionais que ficam no papel, adormecidos, enquanto morremos lentamente. Uma hora o dinheiro não será necessário, pois não comprará: água, saúde, remédio, frutas, alimentos, vida, oxigênio e, etc. De nada vale mandarmos um satélite ao espaço se não conseguimos salvar vidas, de refletir e transformarmos enquanto tivermos tempo. De ter um país humano, justo e sustentável de fato, ainda dá tempo para recomeçar!

Sabemos que esta empreitada não seria fácil, mas só saberemos se daria certo, se fosse experimentada, executada, principalmente com auxílio das populações nativas, das instituições civis, ONG's destas regiões por conhecer a hidrografia, a geologia, a geografia, biólogos e, etc. A floresta, os costumes, o clima, a cultura. Com união, pensando numa maneira de pensar a vida, o homem “holográfico” que parte do mínimo mais simples ao todo complexo para assim fazermos um mundo diferente, pensando o homem multidimensional presentemente como sugere Morin (2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este documento de opinião chegando a ideia de ter contribuído assim de maneira colaborativa, parcialmente, com um assunto de grande magnitude, tão salutar por envolver



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

uma problemática complexa, existencial de suma necessidade para a vida coletiva, desde a colonização as populações primitivas vem tendo seus direitos humanos esmagados, além das políticas colonizadoras serem sempre exploratórias, extrativistas, destruidoras, escravistas, como bem aponta Krenak (2019, p.10) “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza” com suas aspirações sobre os povos indígenas e a conservação da natureza. Repensar, recomeçar formas econômicas de convívio equilibrado respeitado a “mãe” natureza e seus elementos terrenos é excepcional por se tratar do presente e futuro da civilização humana na esfera terrestre, sua existência e permanência são hoje colocados em evidência.

Com as atitudes do homem ao longo da nossa história danificando os ecossistemas terrestres massivamente sem piedade, deixa sem dúvidas uma cadeia de desastres na biosfera do planeta, pois sabemos que o sistema econômico se volta exclusivamente em retirar extrativamente as formas de produção advindas, principalmente das matérias-primas do meio ambiente, sem falar dos combustíveis fósseis, da industrialização, do consumismo desenfreado em nome do progresso que mais escraviza do que alimenta. Morin (2000, p.73) “civilizar a Terra como casa e jardim comuns da humanidade.” Este comportamento talvez nos faria imergir em um novo paradigma de enxergar na Terra nossa morada, nosso “útero”, toda fonte de vida provém da Terra “mãe”, preservar é útil.

Do lixo, fruto deste modelo de economia que ameaça rios, oceanos, Terra e conseqüentemente a vida de modo geral. No mundo atual todas as formas de progresso geralmente se sustentam baseados em danos ao meio ambiente, trazendo conseqüências irreversíveis à vida e a perpetuação da mesma na esfera global, para Max (1988) o capitalismo atende muito bem aos ricos, aos dominantes sempre à frente, tendo acesso aos bens de consumo oriundos muitas vezes dos países mais pobres que têm como fonte de receita produzir, gerar emprego e vender para garantir estas receitas, funcionando como se fossem colônias modernas.

Em síntese, este comportamento econômico tem trazido, além de causar enormes catástrofes de ordem ambientais, o surgimento de novas doenças, vírus, bactérias, mudanças no funcionamento do sistema climático alterando toda dinâmica natural do planeta, modificando a biodiversidade que aqui habitam, exclusivamente, os povos das regiões amazônicas submergidos a um sistema de coação brutal que os obriga a viver nas condições muitas vezes análogas ao que preconiza os direitos humanos, os obriga a aceitar um modelo de vida que não condiz com sua natureza como bem aspira Bentes (2005).

Portanto, podemos concluir que o homem prioritariamente, precisa usar sua inteligência, seu saber, a ciência em benefício próprio como pena de se não assim for deixar de viver na Terra, por conseqüência única e exclusiva do próprio homem, que ao invés de utilizar todo o conhecimento e modernidade a seu favor, não a faz. Cabe à reflexão sobre o que vamos deixar para as futuras gerações se continuamos agindo de forma destrutiva? Onde a civilização dita tecnológica do conhecimento pretende chegar, se temos um saldo mega negativo fruto de toda esta exploração na Terra com fome, doenças, guerras, violências, desigualdades, pobreza, migração, poluição, risco iminente de extinção da espécie humana pela ação humana desastrosa da cobiça, da selvageria?



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

MARTE OU À TERRA, AME-A OU DEIXE-A? S.O.S AMAZÔNIA A VIDA POR UM FIO!
Carlos Alexandre Firme de Oliveira

Por fim, este trabalho abre caminhos para a sociedade entender seu papel perante o consumo e suas consequências na vida social, ambiental e toda globalização. Tendo em vista, propomos um documento que sobretudo indica mecanismos reflexivos de como moralizar o patrimônio Amazônia e, sua singularidade na manutenção da vida em geral e toda a grandeza e valores humanos, étnicos, culturais na floresta existentes.

Voltando-se muitas vezes a práticas que extingue, mata, aniquila, escraviza, explora, destrói, devasta, dizima do que salva. É fundamental pensar na Amazônia como um patrimônio nacional da vida, que todos têm a responsabilidade de lutar para cuidar, preservar incansavelmente em busca da plena razão de ser e existir no mundo atualmente, no presente e futuramente sem tantas mazelas advindas deste paradigma efêmero.

REFERÊNCIAS

BENTES, Rosineide. **A intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/12.pdf>. Acesso em: maio 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Plano Amazônia Sustentável: diretrizes para o desenvolvimento sustentável da Amazônia Brasileira / Presidência da República**. – Brasília: MMA, 2008.

BRASIL. **Ibama realiza operação Amazônia Verde II de combate ao desmatamento ilegal em Roraima**. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/noticias/2021/ibama-realiza-operacao-amazonia-verde-ii-de-combate-ao-desmatamento-ilegal-em-roraima>. Acesso em: abr. 2021.

KRENAK, Ailton. **Idéias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015. Disponível em: <https://culturapolitica2018.files.wordpress.com/2019/09/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: maio 2021.

MARK. Karl. **O Capital**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes Necessários a Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Elonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Anderlany Aragão dos. **Respeitando diversidades, adiamos o fim do mundo**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222020000300700&lng=pt&nrm=iso&lng=pt. Acesso em: 2021.

ZHOURI, Andréia. O ativismo transnacional pela Amazônia: entre a ecologia política e o ambientalismo de resultados. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 12 n. 25, p-139-169, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a08v1225.pdf>. Acesso em maio 2021.